

Recuperando memórias autobiográficas: avaliação da versão brasileira do Teste de Memória Autobiográfica

Giovanni Kuckartz Pergher

*Faculdades Integradas de Taquara, FACCAT
Taquara, RS, Brasil*

Lilian Milnitsky Stein

*Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS
Porto Alegre, RS, Brasil*

RESUMO

O presente trabalho avaliou a adequação da versão brasileira do Teste de Memória Autobiográfica (TMA), instrumento utilizado na investigação do fenômeno da supergeneralização (dificuldade para recuperar memórias autobiográficas específicas). O TMA consiste na apresentação de uma série de palavras-estímulo de diferentes valências emocionais (positivas, negativas e neutras), sendo solicitado ao participante que recupere lembranças específicas de sua história de vida relacionadas a estas palavras. Neste estudo, o TMA foi aplicado em 62 participantes de baixo nível socioeconômico e escolaridade, os quais foram divididos em dois grupos, segundo as instruções que recebiam durante a aplicação do teste. Os resultados indicaram que as instruções fornecidas durante o teste influenciam na especificidade das memórias recuperadas. Tomados em conjunto, os resultados relativos à especificidade das lembranças são semelhantes àqueles verificados na literatura internacional, sugerindo que a versão brasileira do TMA pode ser utilizada em pesquisas com populações de baixo nível socioeconômico e escolaridade.

Palavras-chave: memória autobiográfica; supergeneralização; adaptação.

ABSTRACT

Retrieving autobiographical memories: Brazilian version of the Autobiographical Memory Test

This study assessed the adequacy of the Brazilian version of the Autobiographical Memory Test (AMT), a well-known instrument used to investigate the overgeneralized autobiographical memories (difficulty to recover specific autobiographical memories). The AMT consists of a presentation of a set of cue-words with different emotional valence (positive, negative and neutral). The participants are requested to recover specific memories of his/her life story that relates to these words. In this study, the AMT was applied in 62 participants from low socio-economic status and schooling, which were divided into two groups, according to instructions received during the application of the test. The results indicated that the instructions given during the test influence the specificity of the memories retrieved. Taken together, the results concerning the specificity of memories are similar to those recorded in the international literature, suggesting that the Brazilian version of AMT can be used in research with people from low socio-economic and schooling.

Keywords: Autobiographical memory; overgeneralized memories; adaptation.

RESUMEN

Recuperando memorias autobiograficas: version brasileña del Test de Memoria Autobiografica

El presente trabajo evalúa la adecuación de la versión brasileña del test de memoria autobiográfica (TMA), instrumento utilizado en la investigación del fenómeno de la supergeneralización (dificultad para recuperar memorias autobiograficas específicas). El TMA consistente en la presentación de una serie de palabras-estímulo de diferentes valencias emocionales (positiva, neutra y negativa), siendo solicitado al participante que recupere recuerdos específicos de su historia de vida relacionadas a estas palabras. En este estudio, el TMA fue aplicado en 62 participantes de bajo nivel socio-económico y escolaridad, los cuales fueron divididos en dos grupos, de acuerdo las instrucciones que recibían durante la aplicación del test. Los resultados indicaran que las instrucciones dadas durante el test influyen en la especificidad de las memorias recuperadas. En conjunto, los resultados relativos a la especificidad de los recuerdos son semejantes a aquellas verificadas en la literatura internacional, sugiriendo que la versión brasileña del TMA puede ser utilizada en la investigación con poblaciones de bajo nivel socio-económico y escolaridad.

Palabras clave: memoria biográfica; supergeneralización; adaptación.

INTRODUÇÃO

Na história da Psicologia Cognitiva, os tópicos relativos ao funcionamento cognitivo no dia-a-dia não foram alvo de pesquisas significativas nas primeiras décadas após a sua fundação. Este panorama de desinteresse no estudo dos processos cognitivos tais como eles ocorrem no cotidiano, contudo, começou a sofrer modificações nos anos 70. Em meados da década de 70, muitos psicólogos cognitivos começaram a aderir a um novo movimento, o qual se preocupava com o estudo de questões eminentemente práticas (Woll, 2002).

Como conseqüência deste movimento, temas como a memória autobiográfica (lembranças do indivíduo sobre seu próprio passado), que até então não tinham sido objeto de investigação sistemática, passaram a receber maior atenção dos pesquisadores. Nesse sentido, um marco pode ser observado no ano de 1972, momento em que Endel Tulving propôs a distinção entre memória semântica e memória episódica (Tulving, 1972) (no presente trabalho, “memória episódica” e “memória autobiográfica” serão utilizados como equivalentes – para uma discussão acerca das diferenças entre estes termos, ver Tulving, 2002).

Os modelos teóricos que se propõem a explicar a memória autobiográfica (MA) tendem a concordar que a MA é organizada hierarquicamente, havendo níveis mais específicos e níveis mais genéricos (Conway, 1997). No nível mais específico da MA, estão as lembranças de eventos em particular, que possuem uma localização temporal e espacial definidas, cuja duração é inferior a um dia. A lembrança “minha festa de formatura da faculdade” é um exemplo de memória autobiográfica específica. No nível mais genérico, estão as lembranças de períodos de vida e as lembranças de categorias de eventos. As lembranças de períodos de vida, também chamadas de memórias estendidas, são aquelas que possuem um início e final definidos, porém, com uma duração superior a um dia. A lembrança “as festas que fui no primeiro ano da faculdade” ilustra uma memória estendida, pois possui um início e final definidos (primeiro ano de faculdade), abarcando um período superior a um dia. As lembranças de categorias de eventos, também chamadas de memórias categóricas, são aquelas que se referem a um conjunto de eventos, sem um início ou final definidos. “Quando vou a festas” pode ser considerada como uma memória categórica, pois não faz referência a um evento em particular, tampouco informa sobre seu começo ou fim.

A noção da organização hierárquica da MA é particularmente importante para explicação de um fenômeno observado em certos grupos de indivíduos:

a supergeneralização. A supergeneralização refere-se a uma tendência a recuperar Memórias Autobiográficas Supergeneralizadas (MAS), as quais podem ser definidas como lembranças genéricas, inespecíficas e difusas que o indivíduo possui sobre sua história de vida, ou seja, memórias categóricas (p. ex.: “quando vou a festas”) (Williams, 1992). Em outras palavras, as MAS estão relacionadas a dificuldades para recuperar lembranças autobiográficas específicas (p. ex.: “minha festa de formatura, no clube da cidade) (Healy e Williams, 1999), estando especialmente presentes nos transtornos de humor (Nandrino, Pezard, Poste, Reveillere e Beaune, 2002; Scott, Stanton, Garland e Ferrier, 2000) e em quadros pós-traumáticos (Harvey, Bryant e Dang, 1998; McNally, 1998).

O interesse no estudo das MAS vem aumentando desde o trabalho pioneiro de Williams e Broadbent (1986), no qual os autores observaram que pacientes suicidas tinham uma tendência a se lembrar do próprio passado de maneira supergeneralizada. Desde então, o fenômeno da supergeneralização vem atraindo a atenção de diversos pesquisadores, uma vez que esta tendência parece estar associada a diversas conseqüências indesejáveis, tais como déficits nas habilidades de resolução de problemas (Evans, Williams, O’Loughlin e Howells, 1992; Goddard, Dritschel e Burton, 1996), dificuldades para imaginar o futuro (Williams et al., 1996) e favorecimento de atos suicidas (Pollock e Williams, 2001).

Embora a supergeneralização venha sendo amplamente investigada por pesquisadores estrangeiros, as pesquisas brasileiras sobre este tema são ainda incipientes. No intuito de favorecer o estudo da MA e, mais especificamente, do fenômeno da supergeneralização, no Brasil, Pergher (2005) realizou a adaptação do Teste de Memória Autobiográfica (TMA) (Williams e Broadbent, 1986), principal instrumento de investigação das MAS. O TMA consiste na apresentação uma série de palavras-estímulo ao indivíduo, o qual é instruído a recuperar lembranças específicas de sua história de vida associadas a estas palavras. Caso relate inicialmente uma memória inespecífica, o participante recebe uma instrução de ajuda, sendo solicitado a ser mais específico.

O levantamento dos dados funciona da seguinte maneira: as respostas fornecidas pelo participante para cada palavra-estímulo são codificadas de acordo com quatro categorias (Williams, 2000), sendo que uma delas inclui as “não-memórias” ou “associados semânticos”, duas delas dizem respeito às memórias generalizadas, e a outra concerne a memórias específicas. As quatro categorias de classificação das respostas do TMA são resumidas na Tabela 1.

TABELA 1
Resumo sobre a classificação das respostas no TMA

<i>Categoria</i>	<i>Definição</i>	<i>Exemplo</i>	<i>Escore</i>
Associados Semânticos	Resposta sem referência ao passado do indivíduo	“Festas”	0
Memórias Categóricas	Lembranças de categorias de eventos, sem início ou fim definidos	“Quando vou a festas”	1
Memórias Estendidas	Lembranças de períodos de vida com duração superior a um dia	“As festas que fui no primeiro ano de faculdade”	2
Memórias Específicas	Lembranças de eventos em particular	“Minha festa de formatura”	3

As não-memórias ou associados semânticos são computados quando o participante não consegue recuperar nenhuma lembrança ou então dá uma resposta que não caracteriza uma recordação autobiográfica. Por exemplo, se, diante da palavra-estímulo “diversão”, o participante respondesse “festas”, essa resposta seria enquadrada na categoria de associados semânticos ou não-memórias. Para fins de codificação no banco de dados, essa categoria recebe o escore 0.

Quanto aos dois tipos de memórias generalizadas, o primeiro refere-se a eventos repetidos, sem qualquer referência a um tempo específico. São chamadas de memórias categóricas, por fazerem alusão a categorias de eventos. Por exemplo, se o participante respondesse “quando vou a festas” diante da palavra-estímulo “diversão”, essa resposta seria classificada como uma memória categórica. Para fins de codificação no banco de dados, as memórias categóricas recebem o escore 1. O segundo tipo de recuperação generalizada é a estendida, na qual a lembrança remete a um determinado período de tempo, com início e fim determinados, porém com uma duração superior a um dia. “As festas que fui no primeiro ano de faculdade” pode ser um exemplo de memória estendida. Para fins de codificação no banco de dados, as memórias estendidas recebem o escore 2.

Na quarta categoria para a classificação – das memórias autobiográficas específicas – encontram-se as lembranças que possuem uma localização temporal específica, com duração máxima de um dia. Por exemplo, a resposta “minha festa de formatura”, diante da palavra-estímulo “diversão”, seria classificada como uma memória específica. Para fins de codificação no banco de dados, essa categoria de respostas recebe o escore 3.

Existem duas maneiras através das quais a especificidade da memória pode ser analisada, sendo que a opção por uma delas depende dos objetivos do pesquisador. A primeira delas se dá por meio de uma aritmética simples das respostas codificadas. Segundo

este método de análise, quanto mais próximo de três o resultado, maior a especificidade e, quanto mais próximo de zero, menor a especificidade.

A segunda maneira de avaliar a especificidade da memória por meio do TMA envolve a análise da proporção de respostas dadas pelo participante que recaíram em cada uma das categorias. Para calcular estas proporções, basta dividir a quantidade de respostas classificadas em cada categoria pelo total de palavras-estímulo apresentadas.

O estudo de Pergher (2005) focou o processo de tradução e escolha das palavras para compor o TMA, de modo que o instrumento ainda não foi utilizado sistematicamente na investigação do fenômeno da supergeneralização. Conseqüentemente, ainda precisam ser avaliadas a adequação das instruções iniciais, das instruções de ajuda durante a aplicação e das palavras selecionadas, principalmente quando da utilização do TMA em participantes de baixa renda e escolaridade. Assim, o objetivo do presente trabalho é o de verificar a adequação da versão brasileira do Teste de Memória Autobiográfica (TMA).

MÉTODOS

Para avaliação da adequação da versão brasileira do TMA, utilizou-se a manipulação de duas variáveis independentes, quais sejam: 1) o formato da instrução de ajuda oferecida durante a aplicação do teste, ou seja, a maneira através da qual o participante era solicitado a ser mais específico, caso recuperasse inicialmente uma lembrança generalizada e, 2) a valência emocional das palavras-estímulo do TMA. As variáveis dependentes foram o grau de especificidade das lembranças recuperadas e o tempo de latência (o tempo em segundos, transcorrido entre a apresentação da palavra-estímulo e a recuperação de uma lembrança autobiográfica). As variáveis de controle foram o humor, a presença de psicopatologias, o sexo, a escolaridade dos participantes e a escolaridade dos seus pais.

Amostra

Participaram voluntariamente da pesquisa 62 pessoas, sendo 26 do sexo masculino e 36 do sexo feminino. A idade variou entre 19 e 53 anos ($M = 36,6$, $DP = 8,4$). A escolaridade dos participantes foi heterogênea: 21 (33,9%) não tinham ensino fundamental completo, 15 (24,2%) tinham completado o ensino fundamental, 7 (11,3%) possuíam o ensino médio incompleto, 18 (29%) haviam completado o ensino médio e 1 (1,6%) estava cursando o ensino superior. Apesar da escolaridade dos participantes ser heterogênea, deve-se ressaltar que, na média, a escolaridade da amostra está abaixo daquela comumente verificada em estudos sobre a memória, os quais, via de regra, têm estudantes universitários como participantes.

Todos os participantes eram funcionários de uma universidade particular do Rio Grande do Sul e exerciam cargos de limpeza ou serviços gerais. Tendo em vista o cargo que exerciam, os participantes possuíam um baixo nível socioeconômico. A escolha desta amostra (com uma menor escolaridade e nível socioeconômico em comparação àquelas usualmente verificadas na literatura) teve como objetivo verificar a adequação do TMA para uso na população brasileira em geral.

Instrumentos

Três instrumentos foram utilizados, quais sejam: Teste de Memória Autobiográfica (TMA), Inventário Beck de Depressão (BDI) e Self-Report Questionnaire (SRQ-20). Cada um deles será descrito a seguir.

Teste de memória autobiográfica

O Teste de Memória Autobiográfica (TMA), desenvolvido inicialmente por Williams e Broadbent (1986), é um procedimento experimental usualmente utilizado para avaliar a capacidade das pessoas para recuperar memórias autobiográficas específicas. O TMA consiste na apresentação de palavras-estímulo de diferentes valências emocionais (positivas, negativas e neutras), sendo solicitado ao participante que recupere lembranças autobiográficas específicas relacionadas às palavras oferecidas.

No presente estudo, utilizou-se a versão brasileira do TMA (Pergher, 2005), composta por 15 palavras, sendo cinco positivas (elogio, agradável, diversão, animado e honesto), cinco negativas (trágico, infeliz, miséria, raivoso e decepcionado) e cinco neutras (fundo, embrulhado, vida selvagem, manualmente e alto). Na instrução fornecida no início da sessão experimental, o participante era informado de que escutaria algumas palavras, uma de cada vez. Sua tarefa consistiria em, após escutar cada palavra, relatar uma lembrança específica de um fato de sua história de vida que tenha relação com a palavra ouvida. A

instrução inicial contou com exemplos para facilitar a compreensão acerca do que é considerada uma lembrança específica. Todos os participantes receberam a mesma instrução inicial.

A manipulação do formato da instrução de ajuda ocorria somente quando a primeira resposta do participante para cada palavra-estímulo não se constituía em uma lembrança específica. Neste momento, dois formatos da instrução de ajuda eram utilizados. No formato 1, o participante recebia a seguinte instrução: “você poderia ser mais específico(a)?”. No formato 2, por sua vez, o pesquisador instruíu o participante da seguinte maneira: “você consegue se lembrar de uma situação específica – um momento em particular?”. O critério para passar de uma palavra-estímulo para a seguinte era: 1º) sucesso na recuperação de uma lembrança específica, e 2º) não relatar uma memória específica em 60 segundos. Assim, o participante poderia receber mais de uma ajuda para cada palavra. Tendo em vista este critério de tempo, a quantidade de ajudas recebida por cada participante era variável.

Inventário Beck de Depressão

O Inventário de Depressão Beck (BDI) é uma escala para avaliação de depressão. Desenvolvido por Beck e Steer (1993), o BDI consiste em vinte e um grupos de quatro afirmações. Para cada um destes grupos, o participante deve assinalar qual das quatro afirmações ali propostas é a que melhor se aplica a ele. O resultado, obtido através do somatório das respostas para cada item, pode assumir escores entre 0 e 64. Quanto maior o escore, mais intensa é a sintomatologia depressiva (Cunha, 2001).

Self-Report Questionnaire

O *Self-Report Questionnaire* (SRQ-20) é um questionário auto-aplicável composto por vinte itens, cada um deles representando um tipo de sintoma psicológico ou somático. A tarefa do participante consiste em assinalar se apresenta ou não o sintoma em questão. Se o participante assinala sete (ou mais) respostas “sim”, há suspeita da presença de psicopatologia. Esta versão de 20 itens do instrumento, desenvolvida inicialmente por Harding et al. (1980), foi adaptada e validada para população brasileira por Mari e Williams (1986). Em seu estudo, Mari e Williams verificaram boas qualidades psicométricas do instrumento, entre elas, sensibilidade = 83% e especificidade = 80%.

Procedimentos

Inicialmente foi realizado um contato telefônico com as chefias dos departamentos de limpeza e serviços gerais da universidade, no qual eram expli-

citados os objetivos da pesquisa, quando era enfatizado o caráter voluntário e anônimo do estudo. A partir disso, as chefias contatavam com seus funcionários, questionavam sobre seu interesse em participar voluntariamente da pesquisa, e os encaminhavam ao local da coleta de dados (uma sala da universidade), em dias e horários pré-estabelecidos. Na sessão experimental, e caso o participante concordasse, era solicitado a assinar um termo de consentimento livre e esclarecido. Todos os procedimentos éticos adotados estiveram em conformidade com as recomendações do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Dentre todos os funcionários encaminhados, apenas um não concordou em participar da pesquisa. A coleta de dados foi realizada individualmente, por dois pesquisadores, um do sexo masculino e uma do sexo feminino. A designação dos participantes para cada um dos experimentadores foi aleatória.

Após a assinatura do termo, o participante era submetido a uma testagem de outros aspectos da memória, os quais não fazem parte do escopo da presente pesquisa. Logo em seguida, era aplicado o TMA. Tanto as repostas para o primeiro teste de memória quanto para o TMA eram gravadas em áudio.

As instruções iniciais do TMA foram aquelas sugeridas por Pergher e Stein (2005) e foram idênticas para todos participantes. Dadas as instruções, eram oferecidas três palavras-estímulo como treino. Uma vez compreendida a tarefa, eram apresentadas as restantes 15 palavras, alternando-se entre positivas, negativas e neutras. Ordem das palavras foi a mesma para todos os participantes. Quando o participante não relatava uma memória específica diante de uma palavra-estímulo, cada experimentador orientava de maneira diferente. A pesquisadora do sexo feminino oferecia o formato de ajuda 1 (“você poderia ser mais específico(a)”?). O pesquisador do sexo masculino, por sua vez, apresentava o formato de ajuda 2 (“você consegue se lembrar de uma situação específica – um momento em particular”?). Cada experimentador fez o uso de apenas um formato de ajuda. Todas as repostas foram gravadas em áudio, sendo que os dados sobre a especificidade da memória e o tempo de latência foram computados com base nestas gravações.

Tendo concluído a aplicação do TMA, os participantes eram convidados a responder ao BDI e, em seguida, ao SRQ-20. Na aplicação do BDI, havia uma particularidade: era solicitado ao participante que colocasse três informações adicionais, quais sejam, (1) escolaridade da mãe, (2) escolaridade do pai e (3) uso de medicações psiquiátricas. Terminadas estas

atividades, o pesquisador agradecia a participação e colocava-se à disposição para quaisquer perguntas.

RESULTADOS

Os resultados serão apresentados fazendo referência às duas variáveis dependentes, quais sejam, (1) especificidade da memória e (2) tempo de latência. Com relação à especificidade da memória, as repostas dos participantes para cada palavra-estímulo foram codificadas de acordo com as quatro categorias sugeridas na literatura (Williams, Healy e Ellis, 1999): não-repostas/associados semânticos (codificado como 0), memórias categóricas (codificado como 1), memórias estendidas (codificado como 2) e memórias específicas (codificado como 3). Esta classificação foi realizada por dois juízes independentes, sendo que um deles categorizou todas as repostas, ao passo que o outro classificou as repostas de 20% dos participantes (13 participantes), escolhidos de forma aleatória. O intuito de tal avaliação por dois juízes foi o de testar a consistência das categorias de resposta propostas para o TMA.

O nível de concordância na codificação das repostas entre os dois avaliadores foi calculado através do índice de Kendall tau-c. Os resultados apontaram para uma boa taxa de acordo entre os juízes (índices superiores a 0,567), indicando que os critérios para classificação das repostas mostraram-se bastante robustos e explícitos, podendo ser sistematicamente utilizados por avaliadores independentes. Desta maneira, os resultados descritos a seguir foram baseados na classificação do juiz que avaliou todas as repostas.

Quanto ao tempo de latência, este foi computado como o tempo (em segundos) transcorrido entre o término da leitura da palavra-estímulo e o início da resposta do participante. No cálculo do tempo de latência foram desconsideradas falas introdutórias tais como “ah..., deixa eu ver...”. O tempo de latência foi computado a partir das gravações em áudio.

Especificidade da memória

No presente estudo, optou-se por analisar a especificidade da memória utilizando o método das médias aritméticas das repostas codificadas, e não o método das proporções. Optou-se pelo uso das médias pois este método de análise gera um resultado de mais simples compreensão, facilitando sua leitura. Inicialmente, análises de variância e análises de correlação testaram um possível efeito na especificidade da memória das variáveis de controle (humor, a presença de psicopatologias, o sexo, a escolaridade dos participantes e a escolaridade dos seus pais). Não foram

detectados efeitos significativos na maioria das variáveis de controle. A exceção ocorreu para a variável escolaridade dos pais dos participantes, sendo verificadas correlações significativas entre o escore médio geral da especificidade da memória e a escolaridade da mãe ($r = 0,310$, $p < 0,05$), e do pai ($r = 0,293$, $p < 0,05$). Estas correlações indicam que, quanto maior a escolaridade dos pais, maior a especificidade das lembranças recuperadas a partir do TMA.

Para testagem dos efeitos da manipulação do formato da ajuda, foi conduzida uma ANOVA 2 (formato de ajuda: formato 1 e formato 2) \times 3 (emocionalidade das palavras-estímulo do TMA: positiva, negativa e neutra) sobre a especificidade das memórias recuperadas. A ANOVA evidenciou efeitos principais da emocionalidade das palavras-estímulo do TMA ($F_{(2,59)} = 18,909$, $p < 0,05$) e do formato de ajuda ($F_{(1,60)} = 7,730$, $p < 0,05$), não sendo detectada uma interação entre estas variáveis. Os resultados são apresentados na Figura 1.

Análises adicionais foram conduzidas para investigação do efeito principal da emocionalidade das palavras do TMA. Testes *post hoc* com correção de Bonferroni indicaram diferenças significativas entre a especificidade para as palavras neutras ($M = 1,56$, $DP = 0,91$) em relação às negativas ($M = 2,05$, $DP = 0,65$) e às positivas ($M = 2,21$, $DP = 0,67$) ($ps < 0,05$), ao passo que não foram encontradas diferenças relevantes entre estas duas últimas ($p > 0,05$). Tanto as palavras positivas quanto negativas apresen-

taram médias acima de 2,0, indicativo de que a especificidade média para estas palavras foi superior ao nível das “memórias estendidas”. As palavras neutras, por outro lado, mostram uma média de especificidade menor, a qual ficou situada entre as “memórias estendidas” e as “memórias categóricas”.

Dito de outra maneira, os baixos escores para as palavras neutras foram responsáveis pelo efeito detectado, o que parece indicar que os participantes, de maneira geral, foram menos específicos ao recuperarem memórias autobiográficas a partir de palavras-estímulo neutras. Dados qualitativos, baseados em observações dos experimentadores, sugerem que os baixos níveis de especificidade para as palavras neutras podem ser decorrentes de uma dificuldade de compreensão de algumas dessas palavras, pois alguns participantes afirmavam desconhecerem o significado de determinadas palavras-estímulo neutras (especialmente “manualmente” e “embrulhado”).

Quanto ao efeito principal do formato de ajuda, a análise dos escores médios dos participantes indicou que aqueles submetidos ao formato de ajuda 2 ($M = 2,13$, $DP = 0,52$) foram significativamente mais específicos em relação aqueles submetidos ao formato de ajuda 1 ($M = 1,73$, $DP = 0,62$). A média global de especificidade foi de 1,94 ($DP = 0,60$), um resultado ligeiramente inferior em relação àquele usualmente encontrado na literatura para grupos não clínicos, em que são comuns índices entre 2,0 e 2,4 (Williams, Healy e Ellis, 1999).

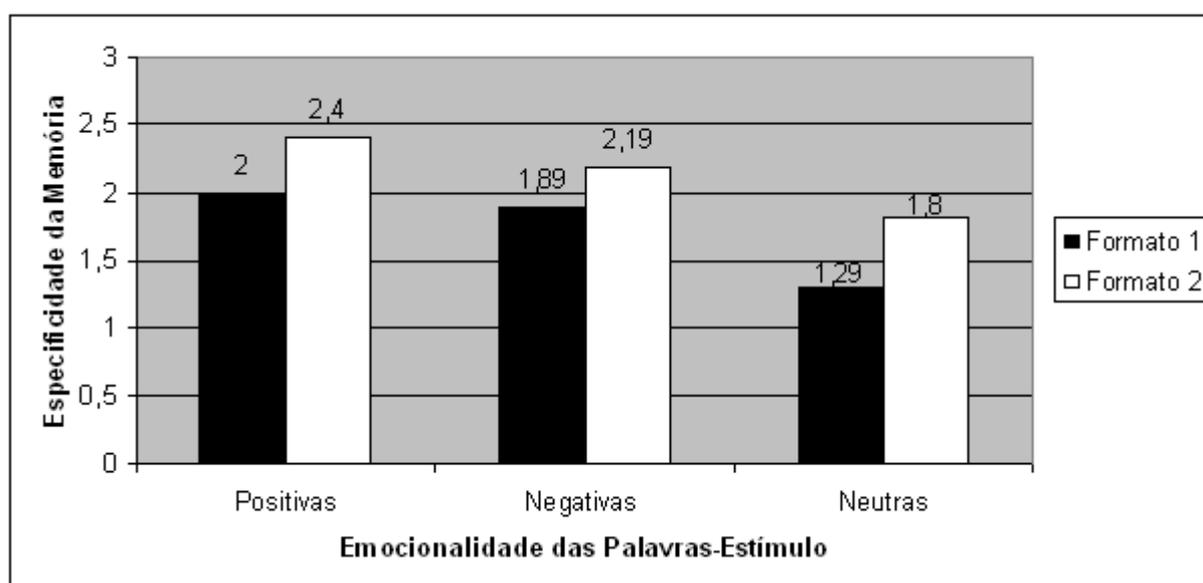


Figura 1 – Especificidade média das memórias recuperadas no TMA \times formato de ajuda.

Tempo de latência

Uma vez que ambos os aplicadores ofereciam uma instrução inicial idêntica, não seriam esperadas diferenças no tempo de latência entre os distintos formatos de ajuda. Tal previsão foi confirmada por uma ANOVA 2×3 sobre o tempo de latência, a qual não evidenciou um efeito principal do formato de ajuda, tampouco uma interação entre formato de ajuda e emocionalidade. Por outro lado, foi verificado um efeito principal de emocionalidade ($F_{(2,59)} = 3,572$, $p < 0,05$). Os resultados são apresentados na Figura 2.

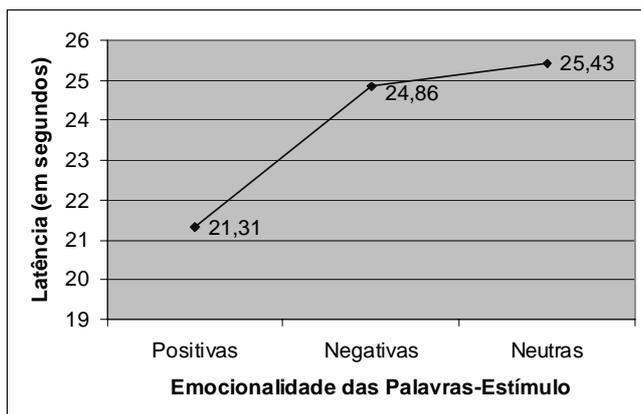


Figura 2 – Tempo de latência \times emocionalidade das palavras-estímulo do TMA

O efeito principal da emocionalidade das palavras do TMA foi submetido a análises adicionais. Testes *post hoc*, corrigidos para Bonferroni, indicaram diferenças significativas entre o tempo de latência para as palavras positivas ($M = 21,37$, $DP = 11,81$) em relação às negativas ($M = 25,05$, $DP = 16,91$) e neutras ($M = 25,54$, $DP = 14,17$) ($ps < 0,05$), ao passo que não foram encontradas diferenças relevantes entre estas duas últimas ($p > 0,05$). Em outras palavras, os baixos tempos de latência para as palavras positivas foram responsáveis pelo efeito detectado.

DISCUSSÃO

A presente pesquisa buscou verificar a adequação da versão brasileira do Teste de Memória Autobiográfica (TMA), adaptada por Pergher (2005). Os resultados obtidos indicaram que o TMA pode ser utilizado em amostras brasileiras de baixa escolaridade e nível socioeconômico, havendo necessidade, contudo, de pequenas mudanças nas palavras-estímulo de emocionalidade neutra.

Tendo em vista a proposta de Pergher (2005) de utilização do TMA em participantes com baixos níveis de escolaridade e socioeconômico, a possibilidade de

dificuldade de compreensão do significado das palavras-estímulo pode representar uma importante fonte de vies. Esta possibilidade é corroborada por dados qualitativos do presente estudo, pois alguns participantes solicitavam esclarecimentos acerca do significado de determinadas palavras (principalmente “manualmente” e “embrulhado”). Não é possível aferir, contudo, se houve participantes que relataram não conseguir recuperar uma lembrança autobiográfica quando, na verdade, desconheciam a palavra apresentada.

Nesse sentido, sugere-se, em estudos futuros, uma substituição das palavras neutras por outras de maior frequência de uso, reduzindo, assim, as chances de vieses decorrentes de uma dificuldade de compreensão por parte dos participantes. Concretamente, com base nos dados de Pergher (2005), sugere-se a utilização das seguintes palavras neutras: infantil, moderado, novo, ocasião e rápido.

Frente a esta possibilidade de dificuldade de compreensão, os baixos índices de especificidade para as palavras neutras devem ser interpretados com cautela. Em outras palavras, quaisquer inferências acerca do funcionamento mnemônico baseadas nos dados relativos às palavras neutras podem estar comprometidas. Cabe ressaltar que este é um resultado em desacordo com a literatura, na qual não são usualmente observados efeitos principais da valência emocional das palavras-estímulo (Croll e Bryant, 2000; Pollock e Williams, 2001). Nos estudos em que foi evidenciado um efeito da emocionalidade, as palavras neutras levaram a respostas com maiores índices de especificidade (experimentos 1 e 3 de Williams et al., 1996).

Os resultados da presente pesquisa, provenientes de uma amostra com baixa escolaridade e nível socioeconômico, trazem implicações aos pesquisadores interessados no estudo da especificidade da MA. Mais especificamente, sugere-se aos pesquisadores brasileiros o controle das variáveis escolaridade e nível socioeconômico, as quais têm recebido menor atenção na literatura sobre a supergeneralização. Embora os dados do presente estudo não tenham evidenciado uma associação entre a escolaridade dos participantes e a especificidade das lembranças recordadas, algumas pesquisas encontraram correlações entre nível educacional e recuperação de lembranças específicas (Arntz, Meeren e Wessel, 2002; Wessel, Meeren, Peeters, Arntz e Merckelbach, 2001).

O nível socioeconômico, mais do que a escolaridade, não tem recebido atenção na literatura sobre a especificidade de memória. Possivelmente essa desconsideração do fator socioeconômico seja devido ao fato de a maioria das pesquisas sobre a supergeneralização serem realizadas em países desenvolvidos,

onde a importância desta variável é menos pronunciada. Contudo, os resultados do presente estudo sugerem que este fator não pode ser negligenciado, uma vez que foi observada uma correlação entre a especificidade das lembranças recuperadas e a escolaridade da mãe, que é um indicador bastante fidedigno do nível socioeconômico do indivíduo (Szwarcwald, Bastos e Andrade, 2002).

Uma vez que também se buscou, através do presente trabalho, oferecer uma contribuição em termos metodológicos para os pesquisadores brasileiros interessados no estudo da especificidade da memória autobiográfica, serão apresentadas sugestões práticas que visam otimizar a utilização do TMA. Em primeiro lugar, os dados relativos ao efeito dos distintos formatos de ajuda indicaram que a maneira através da qual o experimentador solicita ao participante para ser mais específico interfere sobre a especificidade das lembranças recuperadas. Assim, quando a coleta de dados for realizada por uma equipe de pesquisadores, é crucial que todos recebam um rigoroso treinamento, para que sejam sistemáticos na padronização das instruções e das ajudas. Especificamente no que tange ao formato da ajuda a ser utilizado, os dados da presente pesquisa indicam que deve-se preferir pelo formato 2 (“você consegue se lembrar de uma situação específica – um momento em particular?”), uma vez que este leva a recuperação de lembranças mais específicas.

É igualmente importante que os experimentadores possuam sólida base teórica no que concerne à organização hierárquica da memória autobiográfica (Anderson e Conway, 1997). Tal recomendação reside no fato de que, no momento da coleta de dados, o experimentador deve estar habilitado para reconhecer se a resposta do participante constitui-se numa lembrança específica ou não, pois, em caso negativo, deverá oferecer ajuda (Williams e Broadbent, 1986). Desta maneira, de nada adianta que as respostas sejam coletadas por uma pessoa incapaz de fazer tal distinção, pois, a partir dos dados obtidos, não será possível saber se uma resposta generalizada foi decorrente de uma característica do funcionamento mnemônico do participante ou se foi fruto do não oferecimento de ajuda do experimentador.

A partir da avaliação da versão brasileira do TMA, o presente trabalho buscou oferecer subsídios metodológicos para o pesquisador brasileiro interessado no estudo da memória autobiográfica e, mais especificamente, na investigação do fenômeno da supergeneralização. De posse de um instrumental adaptado à realidade de nosso país, novas pesquisas podem ser desenvolvidas, auxiliando no preenchimento das muitas lacunas ainda existentes na literatura acerca das memórias autobiográficas supergeneralizadas.

REFERÊNCIAS

- Anderson, S.J., & Conway, M.A. (1997). Representation of autobiographical memories. In M. A. Conway (Org.). *Cognitive models of memory* (pp. 217-246). Hove: Psychology Press.
- Arntz, A., Meeren, M., & Wessel, I. (2002). No evidence for overgeneral memories in borderline personality disorder. *Behaviour Research and Therapy*, *40*, 1063-1068.
- Beck, A.T., & Steer, R.A. (1993). *Beck Depression Inventory*. Manual. San Antonio, TX: Psychological Corporation.
- Conway, M. A. (1997). Introduction: What are memories?. In M. A. Conway (Orgs.). *Recovered memories and false memories*. (pp. 1-22). Oxford: Oxford University Press.
- Croll, S., & Bryant, R.A. (2000). Autobiographical memory in postnatal depression. *Cognitive Therapy and Research*, *24*, 419-426.
- Cunha, J. A. (2001). *Manual da versão em português das escalas Beck*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Evans, J., Williams, J.M.G., O’loughlin, S., & Howells, K. (1992). Autobiographical memory and problem solving strategies of parasuicide patients. *Psychological Medicine*, *22*, 399-405.
- Goddard, L., Dritschel, B., & Burton, A. (1996). Role of autobiographical memory in social problem solving and depression. *Journal of Abnormal Psychology*, *105*, 609-616.
- Harding, T.W. et al (1980). Mental disorders in primary health care: a study of their frequency and diagnosis in four developing countries. *Psychological Medicine*, *10*, 231-241.
- Harvey, A.G., Bryant, R.A., & Dang, S.T. (1998). Autobiographical memory in acute stress disorder. *Journal of Consulting & Clinical Psychology*, *66*, 500-506.
- Healy, H., & Williams, J.M.G. (1999). Autobiographical memory. In: T. Dalgleish & M. Power (Orgs.). *Handbook of cognition and emotion*. (pp. 229-242). New York: John Wiley & Sons.
- Mari, J.J., & Williams, P. (1986) A validity study of a psychiatric screening questionnaire (SRQ-20) in primary care in the city of Sao Paulo. *British Journal of Psychiatry*, *148*, 23-26.
- McNally, R.J. (1998). Experimental approaches to cognitive abnormality in posttraumatic stress disorder. *Clinical Psychology Review*, *18*, 971-982.
- Nandrino, J.L., Pezard, L., Poste, A., Reveillere, C., & Beaune, D. (2002). Autobiographical memory in major depression: a comparison between first episode and recurrent patients. *Psychopathology*, *35*, 335-340.
- Pergher, G.K. (2005). *Avaliando a especificidade da memória autobiográfica: o teste da memória autobiográfica*. Dissertação de Mestrado não publicada. Faculdade de Psicologia, PUCRS.
- Pollock, L.R., & Williams, J.M.G. (2001). Effective problem solving in suicide attempters depends on specific autobiographical recall. *Suicide and Life-Threatening Behaviour*, *31*, 386-396.
- Scott, J., Stanton, B., Garland, A., & Ferrier, I.N. (2000). Cognitive vulnerability in patients with bipolar disorder. *Psychological Medicine*, *30*, 467-472.
- Szwarcwald, C.L., Bastos, F.I., & Andrade, C.L.T. (2002). Medidas de desigualdad en salud: la discusión de algunos aspectos metodológicos con una aplicación para la mortalidad neonatal en el municipio de Rio de Janeiro, 2000. *Cadernos de Saúde Pública*, *18*, 959-970.
- Tulving, E. (1972). Episodic and semantic memory. In E. Tulving & W. Donaldson (Orgs.). *Organization of memory*. (pp. 381-403). New York: Academic Press.
- Tulving, E. (2002). Episodic memory and common sense: how far apart? In A. Baddeley, J.P. Aggleton & M.A. Conway. (Orgs.). *Episodic memory: new directions in research* (pp. 269-287). Oxford: Oxford University Press.

- Wessel, I., Meeren, M., Peeters, F., Arntz, A. & Merckelbach, H. (2001). Correlates of autobiographical memory specificity: the role of depression, anxiety and childhood trauma. *Behaviour Research and Therapy*, 39, 409-421.
- Williams, J. M. G. (1992). Autobiographical memory and emotional disorders. In S. A. Christianson (Org.). *The handbook of emotion and memory: research and theory*. (pp. 451-477). Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates.
- Williams, J. M. G. (2000). *Autobiographical memory test*. Manuscrito não publicado.
- Williams, J. M. G., & Broadbent, K. (1986). Autobiographical memory in suicide attempters. *Journal of Abnormal Psychology*, 95, 144-149.
- Williams, J. M. G., Ellis, N. C., Tyers, C., Healy, H., Rose, G., & Macleod, A. K. (1996). The specificity of autobiographical memory and imageability of the future. *Memory & Cognition*, 24, 116-125.
- Williams, J. M. G., Healy, H. G., & Ellis, N. C. (1999). The effect of imageability and predicability of cues in autobiographical memory. *The Quarterly Journal of Experimental Psychology*, 52A, 555-579.
- Woll, S. (2002). *Everyday thinking: memory, reasoning and judgment in the real world*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates.

A presente pesquisa teve apoio financeiro do CNPq.

Recebido em: 04/08/2008. Aceito em: 11/09/2008.

Autores:

Giovanni Kuckartz Pergher – Psicólogo. Mestre em Psicologia Social e da Personalidade. Professor nas Faculdades Integradas de Taquara, FACCAT.
Lilian Milnitsky Stein – Psicóloga. PhD em Psicologia. Professora na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS.

Endereço para correspondência:

LILIAN MILNITSKY STEIN
Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 11 sala 933
CEP: 90619-900, Porto Alegre, RS, Brasil
Telefone: 3320-3500 - ramal 7741 – Fax: 3320-3633
E-mail: lilian@puers.br